

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Fevereiro de 2024 - Nº 620

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

A METRÓPOLE E O INTERIOR

DANILO ZUCATO ROBERT

Quanto mais inserido na grande metrópole, mais longe se está das verdadeiras importâncias da vida. Do mesmo modo, quanto mais afastado da grande metrópole, mais realmente se vive.

A metrópole é a capital da mentira, da vida enganosa e enganada, da indiferença à realidade, da expressão máxima do ódio, das inversões de valores, do capitalismo neoliberal e do encurtamento do tempo-próprio de vida. Na metrópole, a velocidade do tempo é maior.

Na metrópole, se gasta muito tempo com a metrópole. No interior, se tem mais tempo para o interior, mas também para os outros, positiva e negativamente.

Quanto mais próximo da metrópole, maior a percepção hiperativa, nos sentidos laboral e de sobrevivência do indivíduo. Quanto mais distante da metrópole, maior a percepção contemplativa. A segurança aumenta longe da metrópole?

O custo de vida é maior na metrópole, mas ironicamente o valor da vida individual aumenta longe dela.

A camuflagem individual aumenta na metrópole, bem como a ansia por pertencimento.

A distração é infinitamente maior na metrópole. O tédio lá é menor que no interior? Só aos finais de semana.

O ar e o espírito da metrópole são mais densos que no interior. A temperatura e a pressão internas e externas são mais ele-

vadas na metrópole.

É na metrópole que há mais oportunidades: de trabalho, de estudo, de golpes, de distrações e de novas conexões.

A metrópole é fisicamente gigante perante o interior, mas é mais estreita, mais restrita, mais congestionada e claustrofóbica no que se refere à percepção de espaço.

Na metrópole há mais seres humanos, no interior há mais seres vivos.

Na metrópole há mais seres humanos, no interior há mais humanidade.

Na metrópole ainda reina o positivismo, no interior, a religiosidade.

Na metrópole, Gramsci grita mais alto. No interior, Burke.

Na metrópole não há patriotismo unificado.

No interior, faltam muitos “Lorenzos de

Medici”.

Na metrópole, o rio de Heráclito é mais real. No interior, o rio é um córrego semi-reto, e muitas vezes um lago.

Interiores são mais estáticos, mas têm maior autocontrole. Metrôpoles tendem a ter menos autocontrole e mais entropia social, cultural, de pertencimento, econômica, política e sanitária.

A metrópole é na verdade um conglomerado de interiores. É impossível alguém *morar* em uma metrópole. Na verdade, se mora em um *interior no interior da metrópole*.

A metrópole e o interior são monocromáticos. A primeira é cinza, o segundo, verde.

Na metrópole tudo chega antes, de bom e de ruim. No interior, o

mundo demora, mas chega. Na verdade, há vezes que somente pode ser que chegue, mas também pode nem chegar.

Na metrópole, sente-se mais a globalização. O interior é circundado por uma barreira de amortecimento, transponível, diante da capital e da globalização.

Na metrópole há mais números, no interior, nomes.

A metrópole esgota, mas não entedia; O interior entedia, mas não esgota.

Na metrópole, há mais filosofia política, moral e de linguagem. No interior, há mais filosofia da religião, metafísica, e também mais mitos.

Do interior se vai à metrópole para se gastar energia. Da metrópole se vem ao interior para re-

carregá-la.

Na metrópole, o coletivo deve reinar essencialmente. No interior, o coletivo é em menor grau, e abre espaço para o individualismo. Na metrópole, portanto, há mais o “nós”, e no interior, o “eu”.

Em ambos os ambientes há prevalência materialista, mas na metrópole há o superlativo do ter, como meta geral, mas não coletiva, e sim individual. Milhares ou milhões estão na metrópole unicamente para ter mais coisas.

A megalópole é a manifestação do saturado.

É triste quando se nota que ‘interiores’ têm por objetivo se tornarem metrôpoles, como se isso fosse sinônimo de evolução e progresso.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE A FALTA QUE A NONNA ME FAZ

IVAN

Minha avó – vocês precisavam ter conhecido minha avó – a quem, por influência italiana, eu chamava de nonna (todas as velhinhas daquele tempo eram nonnas; avó era quase insulto), foi uma mulher de artes. Tanto é que se casou com meu nonno que, além das artes, era homem dos mais arteiros - os que o conheceram que não o digam, por favor. Por exemplo, ele me ensinou a fazer gangorra para botar um sapo numa das extremidades e, na outra, bater com muita força o olho do machado, de forma que o sapo levantasse voo e fosse cair em outro quintal distante ou mesmo na rua. Daquele tempo, ainda há hoje quem acredite em sapo voador, e eu sei o porquê. Minha nonna, portanto, sabia o que estava fazendo quando com ele se casou, seis anos mais velha, e tudo fez por ele, inclusive morrer antes, deixando-o livre para suas artes, até mesmo para procurar, encontrar e ejetar sapos.

Minha nonna falava francês e tocava piano. Ninguém em Monte Sião era capaz dessas façanhas, o que muito me entristecia, pois, até hoje, eu sempre quis que

Monte Sião tudo pudesse. Porém, ela nunca me dirigiu uma palavra sequer naquela língua sedutora e jamais a vi abrindo o piano e, muito menos, tocando. Tudo porque perdera um filho de cinco anos em condições sombrias, pouco nítidas. Nunca mais tocou numa tecla do piano ou pronunciou uma sílaba em francês, talvez pensando que, assim procedendo, não mancharia a inocência do filho que partira. Ou prometera a si mesma abandonar os dois fatores que a permitiam manter-se quase viva, em favor da paz do menino. Um sacrifício que tornou sua existência tão pesada que necessitou carregar a vida nos ombros. Sempre vejo a nonna curvada, em perene holocausto. Não mais se referiu à felicidade esvaída nem evocou o nome do filho que trançou no peito mudo.

Meu nonno colhia da sua chácara carambolas perfumadas. Com ela a nonna fazia doces de estrelas, que o Boca Colorida sabe muito bem como é. Ao contrário das doceiras que cortam a carambola de comprido, ela tirava rodela como as de um salame e, aproveitando-se das cinco costelas longitudinais da fruta, conseguia estrelas de cinco pontas. Na calda, as

estrelas cintilavam como as do céu, e eu me enganava de comer astros, embora me expressasse com a simplicidade e exatidão do vocabulário menino. Na paçoca, então, minha nonna desconhecia competidores à altura, mesmo fornecendo a receita a quem solicitasse. No fundo do pilão, colocava carne-seca picada e misturada à farinha de milho e socava, que socava, que socava, com paciência e ritmo, para não se cansar, ela explicava. Já, do cuscuz, afirmava que o mais difícil era escrever a palavra – havia quem grafasse cus-cuz e, valha-me, Deus, couscous. O importante, porém, era o ingrediente principal, pois que o mundo pensa em camarão ou sardinha. Nada disso. Minha nonna fazia cuscuz de lambaris, que meu nonno, com perícia extrema, pescava no Eleutério e eu, com valentia inconcebível, os guardava no puçá. Eta, dupla infernal! Da salada de laranja-baiana nem gosto de falar; só de lembrá-la, fico com a boca que é um corgo.

Previendo a dama serena que se tornaria no futuro, os pais da nonna lhe puseram nome adequado: Paulina. Paulina descrevia perfeitamente seu andar silencioso e manso,

o olhar conformado, a disposição em repartir-se e até o tamanhinho dela era de paulina. Viveu, por isso mesmo, paulatinamente, conforme as agruras vinham surgindo, aceitando-as, absorvendo-as. Poderia ter sido, também, Candinha, mas, para o francês e o piano, não era um bom nome.

Aos domingos, todos os domingos, iam de mãos dadas ao templo: ela, ao protestante, eu, ao católico. Sem insinuar vantagens, ela apenas perguntava, para evitar nossa separação: “Você quer me acompanhar ao culto?”. Eu respondia que não, “minha mãe me disse para ir à outra”, também antessofrendo a separação. Então, com um sorriso que me ficou grudado atrás dos olhos – onde escondo os meus desejos – ela dizia: “Quem sair primeiro, espera o outro na esquina do Samuel Pennacchi”. Essa foi a minha primeira lição de liberdade que recebi e tive a certeza de que o mundo me permitiria escolher, quando bem o quisesse, como a nonna me ensinou. Quebrei a cara.

Chorei quando a nonna morreu. Ela ficou muito mais quieta naquele dia muito triste. Chorei porque ela sempre tinha um afago para me coçar: repartir meus cabelos, apertar meus ombros, me dar a mão, falar sempre com mansidão, pois estava convicta de não se afrontar a vida com gritos, e, sim, aceitá-la com cílios, para melhor diluí-la. Chorei por tradição italiana,

que é a melhor forma de demonstrar amor e desolação: chorei por dever de neto, mas chorei também pelo medo - mesmo sem o saber - de estar começando a perder, agora, sem a nonna, a liberdade que ela me ensinou a usar e a reconhecer o direito de escolha que, todo domingo, de manhã, me ofereceu através de seus dedos

iluminados.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

SE

não me importa
o desajuste social
e o futuro
uma incógnita

mil vampiros
sobre o muro
e fantasmas
atrás da porta



se seu sorriso
me inundar de alegria
e seus olhos alumiarem
meu caminho

Kuaia

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 64

ISMAEL RIELI

Pirandello e o Rei da Suécia

Do libreto Cento Aneddoti de meu saudoso professor de italiano Giuglio David Leoni

Luigi Pirandello (1867-1936) foi a Suécia para receber, solenemente, o prêmio Nobel. Perdido na casa dos concertos não conseguia, diante de tantas salas e corredores, encontrar o salão nobre. De repente viu sair de um corredor um senhor uniformizado. Por favor, o senhor poderia indicar-me onde fica a sala de eventos? Perguntou Pirandello ao desconhecido. Certamente, respondeu-lhe o outro muito gentilmente. Basta que me siga. E foram juntos. Quando chegaram à porta da sala, o escritor italiano perguntou ao seu guia quem era ele. O meu nome? Respondeu o senhor. Sou o Rei Gustavo da Suécia. E o senhor? Pirandello surpreso e admirado disse-lhe quem era. Alegria-me conhecê-lo antes da cerimônia disse o Rei, gostaria de entrar com o senhor na sala, mas não posso. O senhor deve entrar logo porque já vai começar a ce-

rimônia e eu, de acordo com o cerimonial sou o último a entrar.

A propósito recomendamos a leitura de IL Fu Mattia Pascal – O Falecido Mattia Pascal do grande romancista e teatrólogo Pirandello.

X X X

Para desopilar o fígado sugerimos a leitura de Porque Lulu Bergantim Não Atravessou o Rubicon do patusco extraordinário José Cândido de Carvalho, autor de O Coronel e o Lobisomem lá dos Campos de Goitacazes.

X X X

Quanta saudade do João da Pera que, com sua bagageira, vendia frutas frescas e saborosas para seus fregueses de Monte Sião e da Água Quente. Deliciosas as peras do João da Pera!

X X X

Hipocrisia e ironia a turma do Tio Sam que concede ao “muriuro” o direito de escolher a sua última refeição um pouco antes da execução. Será que tem apetite, disposição para um caviar quem sabe que daqui a pouco não existe mais?

X X X

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis é um livro que aparece sempre entre as 10 mais importantes da literatura Ocidental.

Ao lado de Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa, figura na famosa lista de Mindlim.

É um livro intrigante desde a dedicatória:

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas”.

Até a frase final do capítulo 160 intitulado “Das Negativas” (Machado dá um título a cada capítulo) “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”. Se bem que ele exultou com a gravidez de sua amante Virgília e padecesse com o aborto espontâneo daquele que poderia ser filho dele ou do Lobo Neves, o marido.

Um livro de poucos personagens e pouco enredo, com análise do comportamento humano, com o autor defunto sempre se dirigindo ao leitor.

4 mulheres passaram por sua vida. A belíssima Marcela em quem ele entrou boa parte da fortuna do pai, no esplendor de sua juventude. Para estancar a dilapidação o pai mandou-o para Coimbra estudar direito; Virgília, a grande paixão, que o preferiu para se casar com Lobo Neves e depois se tornou sua amante Eugênia uma donzela meiga, coxa de nascença, com quem ele teve um breve namoro, e a noiva Nhã Lolo que morreu de febre amarela aos 19 anos.

A espanhola Marcela, beixigenta, morreu na miséria, assim como Eugênia abandonada num beco.

Virgília compareceu ao velório do amante.

Dos 160 capítulos destaco 2: O Delírio e O Almoceve.

No Delírio, no lombo de um hipopótamo caminhou a origem dos séculos até encontrar a natureza que se declarou mãe e inimiga. Viu desfilar os séculos com suas grandezas e pequenez.

O almoceve é um texto que me toca de perto porque a mim me aconteceu tal-

qualmente aconteceu a Bras Cubas quando ele cavalgava por um vilarejo português.

Os nossos cavalos mais mansos ferrávamos-nos nós mesmos em casa, meu pai segurava-lhes as patas e meu irmão mais velho e eu também ferrávamos nossa tropa. Não que fôssemos exímios ferreiros – às vezes picávamos os cascos estreitos e minava sangue. Em cascos muito estropiados não era fácil aplicar os cravos e fazê-los apontar no local adequado. Enfim, dávamos pro gasto mas, porém tinha um cavalo novo, Galante, que era um azougue, impossível segurá-lo as patas traseiras. Esse só o Tio Benati para ferrá-lo. O finado Tio era demais. Sozinho, sem ajudante, ele ferrava qualquer cavalo ou burro por mais chucro que fosse. Um ferreiro porreta!

Fui sozinho a Monte Sião ferrar o Galante. Cheguei de volta ao anoitecer. Os animais eram desarreados na frente do porão da casa, num espaço retangular cercado com uma passagem estreita num canto entre a sebe e a parede da casa. Ao apear, meu pé esquerdo enroscou-se no estribo. Galante assistiu e fui pro chão, pendurado no estribo. Meu pai que me aguardava, desesperou-se, mas não conseguiu deter o potro arisco. Ficou na entrada do espaço para evitar que Galante disparasse estrada a fora. Não se deu conta que, espantado e acuado, Galante pudesse sair pelo passador de pouco mais de meio metro de largura, foi o que ele fez. Vi a morte pelos olhos, entreguei a alma ao criador. Num último vi-me pisoteado no peito e na cabeça pelas ferraduras novinhas das patas traseiras. No impulso da travessia, meu sapato saiu do pé e eu renasci, aliviado. Que sufoco! Que sensação angustiante!

Sina triste teve o Galante vermelho luzidio e galante. Quebrou duas patas num mata-burros, foi preciso sacrificá-lo. Um tiro na nuca fêz-rido pelo soldado Piazza deu cabo ao seu sofrimento.

Em riba da cova do Galante plantamos um pé de limão taiti que dava cada baita limão desse porte!

Voltando à vaca fria depois dessa longa digressão,

Bras Cubas cavalgava por um vilarejo de Portugal:

“Vai então, empacou o jumento em que eu vinha montado; fustiguei-o, ele deu dois corcovos, depois mais três, enfim mais um, que me sacudiu fora da sela, com tal desastre, que o pé esquerdo me ficou preso no estribo; tentando agarrar-me ao ventre do animal, mas já então, espantado, disparou pela estrada fora. Digo mal; tentou disparar e efetivamente deu dois saltos, mas um almoceve, que ali estava, acudiu a tempo de lhe pegar na rédea e detê-lo, não sem esforço nem perigo. Dominado o bruto, desvençilhei-me do estribo e pus-me de pé.”

“Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não por que tal fosse o preço da minha vida, - essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou. Está dito, dou-lhe as três moedas.”

“Fui aos alforjes, tirei um colete velho, em cujo bolso trazia as cinco moedas de ouro, e durante esse tempo cogitei se não era excessiva a gratificação, se não bastavam duas moedas. Talvez uma. Com efeito, uma era bastante para lhe dar estremeções”

“de alegria. Examinei-lhe a roupa; era um pobre-diabo, que nunca jamais vira uma moeda de ouro. Portanto, uma moeda. Tirei-a, via-a reluzir à luz do sol; não a vii o almoceve, porque eu tinha-lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez.”

“... meti-lhe na mão um cruzado de prata, cavalguei o jumento, e seguí a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distâncias, olhei para trás, o almoceve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almoceve, em lugar do cruzado de prata.”

Como Machado analisa com argúcia e profundidade o ser humano. Pródigo, ge-

neroso, magnânimo, a princípio, muda em pouco tempo, tornando-se mesquinho, miserável, ingrato e insensível.

X X X

Surpresa agradável Depois de perambular por vários pontos da cidade, inclusive numa baixada sujeita a inundação, a Câmara de Monte Sião está instalada num prédio moderno, espaçoso, confortável de fazer inveja a muitas casas da lei de cidades maiores e mais ricas do que a nossa.

Quem lá esteve, por ocasião da justa e merecida homenagem ao nosso eterno Ivan, tomou conhecimento que Monte Sião tem um delegado de polícia culto, eclético, amante das letras, um poeta que veio pra enriquecer a cultura de nossa terra. Parabéns para o delegado e pra nós.

X X X

Ditados populares Raio não cai em pau deitado.

Raposa de luvas não chega às uvas.

Resposta branda desvia o furor.

Resposta branda a ira quebranta.

Rico é quem se contenta com o que tem.

Rico sai de casa e pega o carro; pobre sai de casa e o carro pega.

Saber esperar é grande virtude.

Saco cheio não se dobra.

Saiu do espeto, caiu nas brasas.

Saltou nas brasas e caiu nas labaredas.

São mais as vozes que as nozes.

Sapo não pula por boniteza e, sim por precisão.

Sappo que salta, água que falta.

Saudade é a memória do coração.

Saudade é a presença dos ausentes.

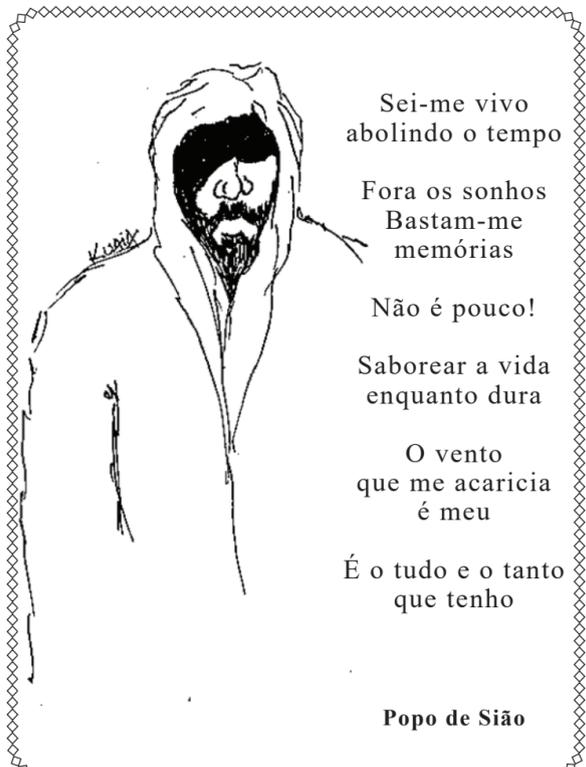
Saudade é companhia de quem não tem companhia.

Saudade não mata, mas maltrata.

Se amar é crime, me processe.

Se amar é pecado, não tenha perdão.

Se amor fosse água, meu peito era uma cascata.



REY QUEXOTO – “PRAGA DE URUBU NO CARNAVAL”

DURVAL TAVARES

Ciao.

Consta dos altos e baixos rabiscados pelo R. Q, que, certo dia, na volta da escola, véspera de carnaval, caminhando rumo à sua casa, sem querer trucidou/tropicou/ tropeçou (Professor Ismael Rieli poderia esclarecer?) num pacote estranho. O pé ficou inchado e, por não ter pulado o pacote, não pularia também o carnaval. Encontrou um boneco mais estranho do que o próprio pacote. Um bicho de pano todo alfinetado e esverdeado. Quase caiu e ficou assustado com o que viu. Um ouriço, um porco-espinho, sabe-se lá o quê no seu caminho? Bem, pegou aquilo e, não sabendo a quem pertencia, dele se apropriou e para a casa o levou.

Ao ver aquele troço, sua mãe quase teve um treco. Ficou assustada porque a ele associou o mal que poderia causar à sua família ou a terceiros. Ouvira falar no tal Woodoo/Vodu/Vudu,

mas nunca chegara tão perto de um. Por isso mesmo aquele monstrego causou tanto espanto. Ela tinha lido e ouvido, também, e sabia como ninguém, que não se pode desejar mal a alguém porque o tal “efeito bumerangue” é verdadeiro e, o que você desejar a outro poderá receber de volta por inteiro ou, pior, em dobro (pode ser para melhor também, bem questionável esse ponto). Disso prova não se tem, mas ..., com muito cuidado, os dois, mãe do filho e filho da mãe, passaram a examinar o boneco e logo viram alfinetes fincados em pontos estratégicos, com anotações de desejos, de maus presságios, sabe-se lá para e/ou contra quem. As maldições estavam grafadas em inglês, o que para o r.q. era um enorme problema. Ele “malemá” lidava com o português. Mas, virgem santa, a curiosidade era tanta que o Quexotinho lá foi consultar um dicionário inglês-português e um português-italiano, esse último só por exigência de sua mãe Bárbara.

Bem ou mal, seria uma boa oportunidade para estudar um pouco, o que pouco fazia, pois o mundo em que vivia ainda parecia só fantasia. Talvez uma fantasia de carnaval escondida no Vudu. Quexotinho, r.q., deduziu que tudo aquilo não era nenhum desejo de “paz e amor, bicho!”. Eram pragas direcionadas a alguém. Quem? Isso, talvez, jamais saberia. Aquelas palavras não poderiam ser traduzidas ao pé da letra, mas, como frases populares. De todo modo, r.q. encontrou no português e no italiano o que lhe parecia guardar similaridade. Coisa boa não era (aquele tanto de pragas nada devia às 10 pragas do Egito, das quais, em passant, se lembrara (será?): Água transformada em sangue; Infestação de rãs; Infestação de piolhos; Enxame de moscas; Peste sobre os animais; Feridas sobre todos os egípcios; Chuva de granizo; Infestação de gafanhotos; Três dias de escuridão; e Morte dos primogênitos (para quem tem do saber tiver sede, tá na

rede!).

A seguir, o teor de cada praga grafada no Vudu em inglês e traduzida para o português e italiano (tradução literal, não significa que seja tão igual) - selecionou apenas dez dentre um montão delas: (*Curse in English - Maldição em Português - Maledizione in Italiano*): 1. Bad Breath/Ter mau hálito/Avere l'alito cattivo; 2. Bad Hair Day/Ter um péssimo dia/Avere una brutta giornata; 3. Food Poisoning/Ter intoxicação alimentar/Prendere un'intossicazione alimentare; 4. Gain Weight/Engordar/Ingrassare; 5. Hell Job/Ter um emprego horrível/Avere un lavoro orribile; 6. Lose Job/Perder emprego/Perdere il lavoro; 7. Lose Money/Perder Dinheiro/Perdere soldi; 8. Migraine/Ter enxaqueca/Avere l'emigrania; 9. Tax Audit/Receber auditoria fiscal/Ricevere la verifica fiscale; 10. Visit From in Laws/Receber visita dos sogros/Ricevere la visita dei suoceri. Assustou-se com o que leu

porque nunca tinha visto ou ouvido algo assim tão ruim. Seria uma espécie de macumba? Macumba já tinha visto em muita esquina e também tinha ouvido sobre velas vermelhas e galinha preta. Ficou sim, ainda que negasse, cismado, porque não sabia se a maldade desejada tinha algum endereço ou seria apenas dirigida a quem dera o tropeço - ele. Em razão de sua tenra idade, algumas pragas não o preocupavam, enquanto uma ou outra o aterrorizava. Ex: Bad Breath (as meninas ficariam distantes), Bad Hair Day (imediatamente pensou na repetição do zero de uma redação que um dia fez), Hell Job e Lose Job (era pequeno demais para ter um emprego formal), Tax audit (nem imaginava de que se tratava), Gain Weight (queria ser um atacante artilheiro e, se aumentasse muito de peso, perderia um pouco de agilidade necessária a um atleta da linha e, sem elasticidade, poderia ser um goleiro frangeiro). Sua mamma não se incomodou

com a maioria delas, mas com uma sim: “Visit from in Laws”, a que lhe causou certo espanto e muito medo, justo porque seus sogros, pais do Massimo e avós do Queixotinho, Sr. Parmiro e Dona Ema, a bem pouco tinham partido desta para tocar/cantar n'outra esfera, longe da Terra, e, com certeza, a visita deles seria algo improvável. De todo modo, r.q., que dizia “não acredito (será?) em praga de urubu”, decidiu, para sua tranquilidade, que nada daquilo era a ele destinado e manteve o boneco bem guardado, trancafiado a chaves numa gaveta. Poderia, em eventual ocorrência estranha, verificar se estava nas previsões do Vudu.

Oras bolas, se guardou com esse propósito, um pingo de crença nessas maldições lhe restava e, como prova, sempre que algo lhe parecia anormal, batia três vezes na madeira de qualquer móvel e dizia “Xô Urubu! Pé de pato mangalô treis veis!” “Vattene da qui, avvoltoio!”

Ciao!

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praínha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Eng^o Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M. Sião - O. Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

AINDA QUE EU ANDE PELO VALE DA SOMBRA

MATHEUS ZUCATO

Não importava o que eu fizesse, o telefone continuava a tocar. Já fazia muito tempo que o som serrava o ar impuro de minha casa, como os madeireiros fazem com as árvores. Talvez nem fizesse tanto tempo assim, mas ele corria até meus ouvidos, o biribilar impiedoso afundando meu tímpano no oco do ouvido, lá no fundo onde se criam os pensamentos perigosos. Quem é que faz uma ligação numa hora dessas? Não sei, mas eu sei que não devia atender, pois a cor da ligação parecia vermelha. Dava pra ver, carregada no fio, impregnada de exatidão, como um pa-

pel amassado, irreversível. Sim, eu via, mesmo sem meus óculos, o fio da adaga da vida, afiado, e que ela preparava um corte seco e profundo; impiedoso.

Joguei o aparelho pela janela, mas outro telefone continuou a tocar. Não me lembrava que tinha comprado tantos aparelhos assim; talvez tenha havido uma liquidação; talvez fosse a novidade das linhas domésticas; talvez tenha sido uma compulsividade que me agrediu a face incauta; talvez eu fosse um revendedor de telefones e o patrão tivesse mandado estocar amostras em minha casa; talvez o depósito estivesse cheio de novo. Revelo: nun-

ca jogam fora os aparelhos antigos. O que já não serve, ou saiu de moda, eles colocam em liquidação. Talvez eu realmente seja um vendedor, afinal de que outro modo saberia de tudo isso acerca de telefones, se não tivesse que vendê-los? Não importa.

Meu brilhante plano de deixar a casa tinha ido pelo ralo: passei pelas ruas do centro e dos bairros, e por onde passei os telefones gritavam atrás de mim. As pessoas saíam de suas casas ou de seus comércios para depositarem em mim um bloco gélido a enrijecer minha espinha, com as mãos sempre esticadas a oferecer o cálice envenenado a este Sócrates que paria uma ideia não muito bem formulada. Clamavam: "Francisco, atende, é para você!" Lembro de virem até mim um padeiro, um sapaiteiro, uma secretária e seu advogado, ofegantes, todos a carregar como uma maldição o aparelho completo, com um longo fio de energia que vinha de seus estabelecimentos. Quando passei em frente à casa de uma senhora que já não andava e a vi se arrastar pelo chão, a

cadeira de rodas caída logo atrás, e ela a implorar que eu atendesse o fone que apontava para mim, quase cedi à tentação de a socorrer; mas se eu o fizesse, teria de pôr meus ouvidos naquela coisa repugnante.

Terrível continuar nas ruas. Voltei, cabisbaixo. O girar da chave coincidiu com o toque ensurdecedor do telefone marrom sobre a mesinha de centro. Eu quis gritar, mas o telefone gritou mais alto e me calou. Tentei dormir, tentei beber, tentei remediar minha situação. Quando sonhei, eu era um telefone que não emitia som, e falhava, desesperado, em avisar o mundo que uma ligação vibrava em meu interior. Tentei acordar, mas não pude, uma vez que as partes que compunham o meu corpo só entendiam a vontade simples e assustadora de receber uma chamada telefônica. Resolvi me acalmar e deixar aquele impulso correr livre pelos meus órgãos, que eram feitos de fios de cobre.

Acordei com o toque do telefone azul, última moda, sobre o móvel da sala de estar. Seu toque era menos pavoroso que os outros, e

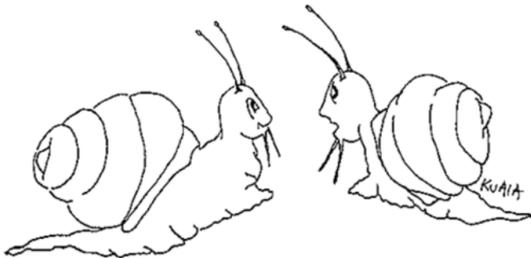
eu estava esgotado do sono que não me trouxera alívio algum. A cama ensopada de apreensão e de medo. Ainda me ensurdecia o tilintar nos vidros de ar que se quebravam dentro de meus ouvidos e me empurravam em direção ao aparelho na sala. Joguei um por um pela janela, e no quintal da frente formou-se um cemitério mudo de aparelhos abandonados. Meu florido jardim havia desaparecido sob os cadáveres que criei. Meu medo era que urubus e moscas viessem conferir o terreno.

Pensei em simplesmente recusar a chamada e ligar para alguém, pois era impensável continuar daquela forma, a fugir para sempre do mensageiro mecânico. Tirei e pus o fone no gancho. Antes que o som pudesse invadir de novo a minha casa — e em meus vizinhos já percebia o rebuliço de inúmeros aparelhos e pessoas desesperadas atrás de mim —, girei o disco do telefone amarelo até os números configurarem o único contato que guardava em minha mente. Em meu portão as pessoas amontoadas gritavam o meu nome; telefones berravam junto. A

ligação que fiz tomava seu rumo, discava. Quando arrebentaram o portão, tropeçaram aos montes nos cadáveres do jardim, e algumas pessoas pareciam querer se juntar a eles, pois eram pisoteadas por quem vinha atrás. A porta da frente era o que me separava dos brutos, as grades das janelas seguravam os braços que estendiam fones de fios espiralados em minha direção. A cena era ensurdecedora, mas mantive a atenção no som que vinha do aparelho grudado em meus ouvidos.

Era meu irmão, quem atendeu. Foi direto, perguntou, "está a salvo?". E respondi, "por pouco. Estão próximo de entrar.". Ele complementou, sem perder mais tempo, "ela está bem. Passou por maus bocados durante o procedimento, e agora está estável."

A porta arrebentada jazia sob os vários pés do semicírculo de pessoas que me olhavam sem piscar. Os telefones quietos em suas mãos pareciam choramingar uma muda vibração decepcionada. Olhei para todos eles e confirmei a informação de meu irmão: minha mãe melhorava.



- E AÍ, LURDE, COMO TÁ A VIDA?
- UMA CORRERIA, NÉ?

LEBRANDO DO IVAN

Do passado vou lembrando
Do ontem hoje e amanhã
Quando o Monte Sião publicando
As crônicas do saudoso Ivan

Elas nos trazem alegria
Coisas boas do passado
Trazem também nostalgia
Quando seu nome é lembrado

E quando o tema é saudade
Retratando com exatidão
Falando de sua cidade
Que é a bela Monte Sião

Quando nomes são citados
O faz com muito carinho
Pois o que é por ele lembrado
Não cabe num simples versinho

Sua paixão por sua cidade
Por amigos e companheiros
Juntam-se a eles a saudade
Na prosa de um bom mineiro

Seus feitos são sempre lembrados
Com carinho e muito amor
A maioria estão acervados
Como a mostrar o seu labor

Monte Sião agradece
Por tê-lo como um grande filho
Ele as mais ternas homenagens merece
Com sentimentos e muito brilho

Que seu nome seja immortalizado
No museu que ele também fundou
Pois seus trabalhos realizados
O Jornal Monte Sião publicou

Arlindo Bellini

UM DIA NA ESCOLINHA DOS FRANCOS

JOSÉ
ALAERCIO
ZAMUNER

Quando a história escapa das fábulas.

Todos na sala de aula, num dia qualquer, letras nos livros e lousa, vozes da Professora e alunos, ensinamentos das lições esvoaçando no ar; circulavam, iam ao teto e voltavam, às vezes saíam pro pomar, subiam até o topo das castanheiras, pras nuvens, em círculos, círculos nas mentes dos alunos, silêncio..., silêncio..., alunos copiando o ponto, se me lembro bem, era sobre dragões que invadiam as aldeias, judiavam dos moradores, mas sempre tinha um herói ou heroína, com força muito além, para lutar contra e resgatar o mundo ao seu

natural...

Veze ou outra, podíamos ouvir explosões fortes que tremiam a terra, era que vinham da pedreira que tinha por perto, bem onde, tempos atrás, tempo da revolução, houve lá grande combate de confronto: Minas e São Paulo, bem onde está, hoje, a pedreira que explodia inesperada, tremendo redores e a escolinha. Isso também (da guerra) vinha, em outro ponto, na cartilha..., silêncio, silêncio..., xxiuu..., alunos estudando... (Buummm!...)

De repente, entra parente de um menino e fala baixinho no ouvido da Professora, Dona Terezinha, de Ouro Fino, que muda seu semblante, suspira, soluça, a senhora parente começa a chorar...

As crianças ficam tensas e tomadas de medo... Era gente do Zé Onório, pais do menino Nadir, que não veio à aula hoje...

Daí a Professora fica em pé, em soluços, se põe a relatar que o menino Nadir (do Zé Onório) está no hospital, que sofreu acidente, que foi brincar na perigosa pedreira, pegou um estopim e bomba dinamite para brincar... Daí, daí... nesse ponto, a mãe entra na história e passa, ela, a relatar: Ao bater no estopim com um facão, a bomba explodiu, machucou sua mão... tivemos de pegar seus dedos espalhados pelo chão vermelho..., vermelho de sangue, sangue..., (classe em soluços...) e levamos ele pro hospital, onde ele tá, hoje, por isso que não veio estudar, hoje...

(soluços pipocando...), nem sabemos como está o menino Nadir, se sem dedos, se sem mão..., (choros baixinhos, aqui e ali...) estava sangrando muito, (incontidos choros espalhados pela sala...) É, essa é história verdadeira que fazem esses homens sangrentos, muito mais que os dragões; que só vêm e voam por cima da gente e vão simhora, não, não... nosso filho foi atacado, real... lá na pedreira...

Seu relato calou fundo em todas as crianças e Professora. Saímos da escola, cabisbaixos, fomos pra casa, só imaginado como estaria nosso companheiro de escola, Nadir do Zé Onório. Que fora atacado, não por um dragão, mas por gente que nem nós memo.

FEITO CINZAS

JAIME
GOTTARDELLO

A festa acabou, as ruas estão vazias e silenciosas. A quarta-feira de cinzas surgiu numa manhã cinzenta como uma realidade arremessada na cara da menina ainda meio embriagada e com cheiro de álcool e cigarro.

O fim da festa fez seu último brinde e a presenteou com uma dor física e emocional. Ela caminha pelas ruas vazias sem perceber que o toco de cigarro quase apagado insistia em queimar seus

dedos. As ruas ainda guardavam alguns vestígios da festa das noites anteriores. Coisas que permaneciam visíveis.

O silêncio assusta e fere. Há um contraste nítido entre o silêncio e o cinza de agora com a agitação e a música de poucas horas antes. O céu está nublado e cinzento como a quarta-feira que pede jejum, caridade e penitência. E cinza está o estado de espírito da menina. Um espelho de si mesma.

Como um afogado que busca um último respiro envolto em desespe-

ro, a quarta-feira chegou como um lembrete brutal da transitoriedade da alegria efêmera. A menina sente o peso das escolhas feitas, esmaga o toco do cigarro num muro que lhe serve de amparo e segue por ruas com passos lentos, observando as marcas deixadas pelos foliões nas calçadas.

À medida que caminha pela manhã cinzenta, ela reflete sobre o descontinuado e ocasional momento que foram aqueles dias de festa e a dura realidade do retorno à rotina cotidiana que esmaga.

As ruas vazias ecoam a solidão que se instala após o fim da festa. É hora de confrontar suas escolhas e enfrentar as consequências do que foi vivido naquela noite intensa.

Aos poucos o ar frio da manhã vai tornando seus passos mais leves. Ela parece ver mais ao longe os garis iniciando a coleta dos excessos deixados nas ruas após a festa. Parecia que começava a ouvir a algazarra dos passarinhos saudando o novo dia.

Melhor apressar o passo. Fim de festa.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

A CARRETILHA E OS NOSSOS QUINTAIS

VALDO RESENDE

Os quintais já foram lugares mágicos. Cheios de vida e movimento, ensaiando-nos para o que viria a ser a rua, o bairro, a cidade e o mundo todo. Uma colmeia aqui, uma casa de marimbondos ali, um formigueiro que teimava em aparecer acolá, a riqueza de acontecimentos de um quintal era imensa. Território de Shakespeare, nosso cãozinho vira-lata que defendia seu espaço dos gatos da vizinhança. Variados pássaros visitavam pés de frutas e canários e curiós eram tratados com desvelo pelo meu irmão.

Além do nosso quintal, outros também permanecem na memória. Na casa de uma tia, em Ribeirão Preto, havia um chiqueiro onde presenciamos o milagre da vida quando da chegada de vários porquinhos nascidos em uma única tarde. Em outro quintal, em Campinas, a magia era de frutas raras lá em Uberaba: maçã ver-

de e romã. Uma pequena mostra se comparada com a imensa variedade de verduras e frutas da horta e do pomar de meu avô, ou do vizinho ao lado, com amoras, goiabeiras, mamoeiros.

Acima dos limites do quintal havia o céu. E a gente achava que estava nas alturas quando, escondidos dos adultos, brincávamos sobre os telhados. Dali se via longe, muito longe para nossos primeiros anos. Abaixo, sob nossos pés, tínhamos a certeza de mistérios. Até poderia ser algum tesouro, desses dos contos de fadas. Com certeza, a terra recebia nossas fezes e urinas, feitas em “casinha” separada do corpo da casa. E de outro lado do quintal retirávamos de um profundo poço água, ação facilitada com o uso de uma carretilha.

Puxar um balde cheio de água é tarefa árdua, facilitada por essa peça comum que, hoje, tornada peso de papel em minha mesa guarda histórias e

a lembrança de meu pai. Nunca soube que a invenção da nossa carretilha foi de um tal Arquimedes, lá na Grécia. A nossa foi feita pelo meu pai, que era craque em pegar coisas e transformá-las, fazendo outras coisas. Quando necessário, ligava a forja e após aquecer o metal, dava-lhe a forma desejada com muitas marteladas e um esmeril.

Não tenho a noção da distância entre o poço de onde extraíamos nossa água e a fossa onde fazíamos necessidades. Graças aos céus crescemos com saúde e, em pouco a água veio canalizada, assim como o sistema de esgotos chegou até o nosso bairro. Com essas novidades foram embora os medos de cair nos dois profundos buracos do nosso quintal. Cair em um deles era a sorte entre morrer afogado na água ou, literalmente, cair na merda.

Hoje entendo a diferença entre poço e cisterna, esta feita para reservar água da chuva. Chamáva-

mos de cisterna, o buraco revestido com uma camada de tijolos, o que impedia deslizamento de terra tornando a água barrenta. Puxando água com apoio da carretilha vinha água para o banho de todos, para que nossas roupas fossem lavadas, e após fervida, ser utilizada para a comida, refrescada em filtro ou pote de barro para nosso consumo.

Depois foram sumindo as árvores frutíferas, os canteiros de verduras, os jardins. Tudo em favor de cimento e de uma duvidosa “limpeza”. É mais higiênico, dizem. O calor aumentou e sobra, para quase todo mundo, esconder-se dentro de casa e apelar para o ar-condicionado. Nos quintais, vasos tentam substituir a terra e só fazem mesmo é dar vida limitadas pelo espaço restrito, pela pouca e rasa terra.

Do quintal da minha antiga casa guardo uma carretilha. Pesada e, bem feita, ainda em perfeito funcionamento, embora

POETAR!

Aqui no Monte Sião a poesia acampa. Como gotas de orvalho falam o Kuaia e o Bob. Na profundidade do infinito, vaticina o Popó de Sion. E, o Endo San, o espírito japonês, recita.

De história fala o Arlindo Belini, Pois em sua pena tudo vira poesia. O Marzio Labigalini canta o improvável. E o Genghini, a passar vergonha se arrisca.

O Ivan, o Ugo e o Ilson eram da prosa, Mas, prosa doce, suave... pura poesia! Já o Pascoal e o Zé Antonio redigiam documentos. Cujo somatório compõe a história da cidade.

Que bom que guardamos doces nos corações! Assim, podemos gravar na pedra do futuro, Raras impressões daquilo que hoje somos, Para que um dia alguém saiba como vivemos.

L.A. Genghini

eu não tenha nada a puxar, exceto as lembranças. Essas, não carecem de esforço nenhum para virem à tona. Fluem com um mero olhar, intensificam-se no tato, no cheiro característico do ferro, no peso do

tempo incapaz de causar esquecimento.

Este texto é da série “Cacarecos, badulaques e bugigangas”. Os demais estão sendo publicados no blog valdoresende.com

O ÓBVIO QUE PRECISA SER DITO

LEONARDO LABEGALINI

Téo é um jovem sonhador, guerreiro, estudioso e que carrega consigo uma grande pergunta – “em uma cidade tão próspera como Monte Sião, por que grande parte dos trabalhadores (em especial os de malharia), não se sentem reconhecidos e valorizados em seu emprego?”. Já o Líder Inspirador é alguém que carrega uma grande sabedoria, adquirida através de muitos testes, muita observação, reflexão e humildade. Apesar de tudo isso, carrega consigo um grande lema – “tudo que eu sei é pequeno diante de tudo aquilo que posso aprender”. Isso o mantém longe da soberba e atento aos ensinamentos diários escondidos em cada pessoa, situação e lugar em que se depara.

Eles se conheceram não faz muito tempo. Rapidamente, se identificaram.

Téo estava no mercado de trabalho há 7 anos, frequentando diariamente o ambiente de diversas malharias. Durante esse tempo, ele percebeu a existência de um conflito ligado à cultura empresarial - empresas familiares com o desejo de profissionalizar o modo como as coisas funcionavam dentro do ambiente de trabalho.

Quando Téo se deu conta desse conflito e também de como era desafiador esse processo de transformação, ele sentiu a necessidade de compartilhar com alguém seus pontos de vista. Na sua cabeça, os desafios poderiam ser vencidos, mas ainda haviam muitas resistências. Foi então que um belo dia conheceu o Líder Inspirador. Um sujeito pouco conhecido e que “coincidentalmente”, sentia a necessidade de entregar a alguém o conhecimento que nele transbordava e, até então, estava retido. Em

pouco tempo de conversa, enxergaram a oportunidade de serem grandes parceiros e tomaram uma decisão – uma vez ao mês se encontrariam e dedicariam um tempo para discutirem formas de como esse grande desafio das malharias pudesse ser superado.

No primeiro encontro, Téo não aliviou e trouxe para a mesa uma grande pergunta:

- Senhor, qual poderia ser a explicação para essa resistência tão grande que as malharias encontram ao buscarem migrar de cultura familiar para cultura profissional?

- Téo, te confesso que demorei um bom tempo para ter uma resposta.

Enquanto se ajeitava na cadeira, o L.I respirou fundo, se concentrou e continuou:

- Vou compartilhar com você uma tese. Não precisa concordar comigo em tudo. Apenas ouça e reflita.

- Combinado – respondeu Téo.

- Veja... se a cultura é de empresa familiar, logo as pessoas se acostumaram a ir ao trabalho enxergando-o como uma extensão do seu ambiente “de casa”. Por isso, você deve encontrar pessoas usando chinelos, shorts, fones de ouvido, e outros trajes que se adequam ao termo “familiar”. Além disso, você já deve ter presenciado conflitos nas equipes em que os donos agem como se fossem “pais” dos colaboradores. E alguns próprios colaboradores se comportando como “filhos”, fazendo birras, causando intrigas com colegas, enfim...

Nesse instante, Téo revivia vários e vários exemplos do que o Líder Inspirador falava.

- Téo – continuou L.I - no nosso ambiente de casa, a gente gosta de ter privacidade e fazer as coisas do nosso jeito, o que não se

aplica no ambiente profissional. Então, para mim, aí está o ponto central: é preciso “cair na real” de que ambiente familiar é diferente de ambiente profissional. É totalmente possível uma empresa familiar ter um ambiente profissional, desde que os donos se conscientizem dessas diferenças de costumes e conduzam suas equipes com um novo jeito de se viver e trabalhar ali na empresa.

- E como se faz isso Senhor?

- Primeiro internalizando essa consciência que te contei. Segundo, tendo clareza dos “papéis” que cada um exerce. Papel de dono é diferente do papel de pai. Papel de colaborador é diferente do papel de filho. Um pai e um filho podem trabalhar na mesma empresa tranquilamente, só é necessário virar essa chave, de acordo com o ambiente. É uma questão de mentalidade e comportamento.

- Senhor, mas isso é tão óbvio. Como eu não pensei nisso antes?

- Será, Téo? Eu aprendi que o óbvio só é óbvio para o olho treinado. Se a gente buscar enxergar os óbvios de cada ambiente e não os ignorar, a vida é outra.

- Bom, preciso refletir sobre tudo isso, mas faz sentido para mim. Agora me diga uma coisa: parentes a gente não escolhe, mas colaboradores sim. Qual é óbvio na hora de montar equipe?

- Téo, adoraria te responder agora, mas essa resposta exige tempo para dedicar às suas dúvidas que surgirão. Eu tenho uma janta na casa de um amigo para ir daqui a pouco. Ficarei te devendo nesse encontro, mas para o próximo, começamos nesse ponto. Combinado?

- Combinado! Até logo então Senhor. Obrigado pela troca!

CINEMA PARA QUEM GOSTA DE CINEMA

JOSÉ CLÁUDIO FARACO

O PODEROSO CHEFÃO – filme americano lançado em 1972 e exibido no Cine Brasil de Monte Sião em 16.04.1973.

Direção do mestre Francis Ford Coppola e atores de primeira linha como Marlon Brando que ganhou Oscar pela atuação, mas recusou-se a recebê-lo.

Al Pacino – sempre ótimo – além de James Caan, John Cazale, Diane Keaton,

Robert Duvall e outros.

O filme analisa a saga da Família de Don Vito Corleone, em constantes brigas com outras famílias da máfia italiana, resultando num espetáculo soberbo de músicas e interpretações inesquecíveis. Certamente um dos melhores filmes do cinema, baseado no romance de Máximo Puzo e adaptado por ele e pelo diretor Coppola. O filme marcou presença na galeria dos melhores filmes do cinema.

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Numa Cada pessoa tem sua própria concepção de beleza. Afinal, alguém já disse que o belo para o sapo é a sapa. Outros, que toda panela encontra sua tampa e que a beleza está nos olhos de quem bebe. Dizem que as mulheres seguem uma lei: melhor chegar tarde do que chegar feia. Outro considerou que tirando saúde, dinheiro e beleza, o resto tinha de sobra. Bem, um pouco de humor sobre um assunto sério.

Então, o que é o belo? Por que a beleza é tão importante em nossas vidas? Existe algo de erra-

A BELEZA HUMANA

do com a beleza? Por que ocorrem tantas tragédias com pessoas que buscam o “corpo perfeito” através de dietas rigorosas, academias especializadas ou complexas cirurgias estéticas? Claro, todos gostamos do belo, seja na natureza ou no que o próprio ser humano cria com seu talento. O senso do belo tem papel indispensável no mundo e rege a vida social, haja vista a quantidade de produtos de beleza para os cabelos, pele, unha e seja lá o que for.

Quando olhamos um animal na natureza — borboletas, joaninhas, leões, pandas, cães, gatinhos, cavalos, passarinhos — ficamos deslumbrados.

Analisando racionalmente a “estética” de alguns como a girafa, o tucano ou o rinoceronte, perceberemos que seus corpos são totalmente desproporcionais, com longos pescoços, bicos exagerados, um chifre no nariz. Uns são enormes, como os elefantes ou hipopótamos. Outros são peludos, como os ursos. Mesmo assim, existe neles uma beleza inerente, quase inexplicável. Nasceram assim e são belos assim.

Parece que a beleza está mesmo nas diferenças. Mas o ser humano parece não entender assim. Nunca está satisfeito com aquilo que é. Claro, muitos homens não dão a mi-

nima por serem barrigudos ou carecas. Preferem picanha e cerveja. Imagino que muitas mulheres (será que estou certo?) também não se importam com alguns ‘defeitos’ do próprio corpo. Mas acredito que exista uma grande maioria que se incomoda de verdade. Em busca de uma aparência melhor, fazendo verdadeiras loucuras por isso. Algumas fatais, como cirurgias estéticas que não dão certo. Enfim, cada um, cada um.

Por isso gosto tanto de fábulas infantis. Sempre é possível um sapo se tornar um príncipe. Ou uma donzela acordar de um sono profundo. Basta um beijo!

A MULHER DO JARDIM DE CRUZ

MARCELO FERRARI

Numa pequena cidade do Estado de Minas Gerais, há um ser humano feminino com uma respeitadora bagagem de sabedoria em suas costas. Mora próxima da avenida dos livres, esquina com a avenida dos presos e de frente com a rua dos conflitantes. Tem uma linda e unida família e acorda todas as manhãs com o despertador natural da vida: o cantar dos pássaros.

Na parte esquerda da casa, ao lado do portão de flores de primavera branca, ela tem um espaço onde coloca os gravetos amarrados uns ao outros e os encrava ao chão. Tempo a tempo eles caem e a mulher logo se coloca em ação para corrigir o ato. E assim seguem-se os dias. Aos olhos de quem vê aquela situação um tanto inusitada argumenta-se com as mais variadas

hipóteses: Ela não bate bem. É um cemitério ali. É para lembrar da sexta-feira santa. Uma religiosa. Símbolo de morte. Técnica avançada para espantar bichos. Tirar mal olhado... e por aí vai.

Numa quarta-feira à tarde uma senhora, já não se aguentando mais de curiosidade ou talvez estivesse querendo se libertar, bate palmas em frente à casa na intenção de dividir um pedaço de bolo. A dona, que estava no outro lado da casa veio atender e, com um sorriso, a convidou para tomar um café com o bolo a ser repartido.

Sentaram-se à mesa do lado de fora e começaram-se as conversas.

- Qual é o seu nome, perguntou a senhora do bolo?

- Meu nome é Clara. E o seu?

- Eu sou a Luiza. Seu café está gostoso, Clara. É bem forte!

- Combina com o bolo

de milho, Luiza, que, aliás, ainda está quentinho.

- Clara sempre que passo aqui vejo você fazendo aquele jardim de cruz ali. E muitas outras pessoas também querem saber o porquê de fazer aquilo.

- Luiza, o meu jardim é aquele ali, no lado direito onde as borboletas traçam suas rotas de modo a não colidir com os pássaros que se organizam na disputa pelas flores.

- É verdade, Clara! É lindo e multicolorido (Luiza, meio envergonhada, pensou um pouco e concluiu: Como não poderia ter visto aquela bela arte antes!)

- Luiza, não há jardim de cruzeiros. -Como não, Clara. Olha lá as cruzeiros que você faz?

- Luiza são apenas gravetos que eu amarro para me lembrar das diversas direções do comportamento da minha vida.

- Como é, Clara?

- Veja só, Lu, se o vento soprar na árvore somente em um único rumo, ela cresce inclinada para um singular lado. Logo ela cairá. Entretanto, o vento é sábio. Ele sopra de várias direções de modo que haja o equilíbrio da vida. Então eu aprendi que a diversidade é necessária para meu crescimento.

- Fale mais, Cla, e me passe o café, por favor.

- Lu, na minha vida eu necessito de ventos que sofram de todos os lados. Vento da coragem. Da ternura. Do prazer. Da liberdade. Do perdão. O que eu não deixo acontecer, e isso é um esforço diário, é a minha vida se tornar monótona. Viver de uma única forma, sem propósito é como se meu jardim, que agora você vê, fosse de uma só flor.

- Cla estou confusa agora.

- Lu ficar confusa às vezes pode ser bom. Sig-

nifica que algo deve ser posto em ordem da vida. Alinhar prioridades, por exemplo, é um jeito de ordenar a conduta humana. - Estou compreendendo! Mas você diz que não é jardim de cruz. Todavia parece cruz!

- Lu, você está certa em seu ponto de vista. Contudo onde você enxerga cruz eu vejo fontes de inspiração. Vejo caminhos diferentes a seguir.

- Nossa Cla. Que mundo você vive?

- No mesmo que o seu, Lu. Apenas aplico o artifício da flexibilidade na minha vida.

- Lu está vendo aquela colina lá no fim da rua dos presos onde há um pasto com uma grande e linda boiada? - Sim, vejo. Está bem longe, mas consigo ver.

- Você percebe que os bois caminham quase sempre um atrás do outro e pelo mesmo caminho?

- Nunca reparei nisso. Mas sei que formam os

caminhos de gado.

- Tá. É o mesmo princípio dos ventos. Na minha vida se eu trilhar sempre pelo mesmo caminho, ele vai ficando fundo a ponto de eu não mais sair. Por isso, tenho os gravetos que apontam as várias direções em que devo seguir, a depender das oportunidades, necessidades ou algo novo a aprender.

- Cla, agora estou entendendo. Parece que dessembarçou minha mente igual quando a gente liga o desembacador de vidro de um carro em dias de chuva. "São apenas gravetos apontando direções, quem diria"! Foi muito bom conversar com você e poder comer o meu bolo com seu café, minha amiga. Há seu jardim de flores do lado direito da sua casa é fabuloso. - Obrigado, Lu, pelo elogio e pelo bolo. Bem, virtuoso leitor, para muitos o jardim de cruz ainda continua lá. E está tudo certo!

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

EVOCAÇÃO

WALDEMAR GOTARDELO

(ABRIL/76)

Manhã de outono. As folhas das árvores que contornam o jardim da praça começam a cair. O relógio da matriz acaba de assinalar oito horas. O comércio e a indústria iniciam mais um dia de trabalho. Aparentemente, tudo normal: um dia como tantos. Há, porém, algo diferente, alguma coisa incomum na vida da cidade: a Agência do Correio, que infalivel-

mente abre suas portas ao primeiro toque das oito badaladas, permanece fechada. No decorrer do dia ninguém procura por suas correspondências e os jornais chegados de São Paulo permanecem empacotados. Porém, não há vozes de protestos. Nenhuma reclamação se faz ouvir. Feriado? Dia santo? Não. Dia de luto para a Diretoria dos Correios e Telégrafos de Campanha. Dia de dor para Monte Sião. Perdeu a diretoria uma das mais dedicadas funcionárias. Perdeu Monte Sião uma

de suas mais queridas filhas. Morreu a Agente do Correio. Morreu Aurora Glória Alves.

Da mistura do sangue português de José Alves da Silva com o sangue brasileiro de Claudina Glória Alves, nasceu Aurora, nesta cidade, no dia 5 de outubro de 1910. Criada pelos pais segundo os costumes de austeridade da época, foi ela uma criança obediente, extremamente caseira e pouco dada a diversões. Aprendeu a ler e a escrever com dona Mariana Nogueira Gua-

rini, concluindo o curso primário com distinção e brilhantismo. Desde mocinha, quase menina ainda, começou a ajudar o pai na Agência do Correio. Moça feita, em 27 de junho de 1938, por ato assinado pelo Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República, foi nomeada para o cargo de agente postal de Monte Sião, da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Campanha. Nele permaneceu com eficiência e dedicação até os últimos dias de sua vida. Só deixou o serviço quando

o mal que a vitimara a impossibilitou de continuar trabalhando. Reservada como era e nunca levando seus problemas a ninguém, ocultou sua doença por muito tempo, permanecendo fielmente em seu trabalho.

Embora sofrendo ocularmente, nunca deixou de ter um sorriso para todos. Sua figura irradiava simpatia. A frustração dos que deixavam de receber notícias das pessoas amadas ou de seus familiares, era por ela transformada em esperança.

A geração jovem de

hoje não chegou a conhecê-la. Aurora é saudade para nós que com ela convivemos, é saudade para Monte Sião que ainda sente sua falta. Seu exemplo de vida, sua dedicação ao trabalho, seu senso de responsabilidade, seu amor ao próximo, devem estar bem gravados na lembrança de todos. Hoje, decorridos 22 anos, evocamos com saudade a sua figura admirável e recordamos com tristeza aquele 29 de março de 1954, dia de outono, dia de dor, dia de lágrimas.

AMIGAS PARA SEMPRE: LEZA E CACILDA

L. A. GENGHINI

Chegados em Monte Sião no final do Século XIX, os italianos, juntamente com os antigos mo-

radores locais puseram-se a trabalhar e a compartilhar, onde festejavam, cantavam e rezavam com a mesma intensidade. A primeira leva dos imi-

grantes e seus filhos se embrenharam na lavoura e criaram uma geração, nascida na década dos anos 30. Dentre os quais estão nossos pais.

Vamos falar de mulheres nascidas naquela época, no final de década dos vinte e na década dos 30. Restam poucas em vida na cidade e estão na faixa dos 90 anos de idade. Estas mulheres nasceram em lares embrutecidos pelo trabalho duro, pelas consequências da imigração, pela falta de conforto e sustentadas pelo belicismo da época: primeira e segunda guerras mundiais, revolução constitucionalista, ditadura do Dr. Getúlio e outras tantas dificuldades. Raramente conheceram os bancos escolares e tudo o que aprenderam foi em casa, com as mammas e as nonnas. Coser, tecer, cozinhar, benzer, tirar re-

médios do mato, cuidar de animais domésticos e ajudar os nonnos nas roças de café e de cereais. A diversão era pouca e se restringia a festas e quermesses na pequena cidade, aos bailes de mutirões e às festas juninas.

Foram crescendo e se casaram no final da década dos 40 e na década dos 50, logo após a segunda grande guerra mundial.

Tiveram filhos, já menos do que os antigos nonnos e pais (média de 5) e assistiram, nas décadas seguintes, seus próprios filhos indo à escola, ao trabalho no comércio ou migrando para cidades maiores em busca de empregos, geralmente em fábricas. Viram a chegada do rádio, do cinema (mas não podiam frequentar) e da televisão.

As mulheres nascidas nos anos 30 foram, pra-

ticamente, as primeiras a verem seus filhos chegarem às faculdades, ao mestrado e ao doutorado. Assistiram tudo de terços nas mãos, orando ao Todo Poderoso e pedindo Proteção, como haveria de ser.

Duas dessas mulheres exemplares, vivas, contando pra lá de 90 anos de idade, souberam assistir a todas as mudanças e a manter a simplicidade, a sabedoria e a alma em estágio superior, podendo, agora, juntas, sempre que podem, passar os dias em contemplação, revivendo tantos momentos idos pela vida, que lhes deu a graça de filhos, netos e bisnetos.

Estamos falando das meninas Teresa do Sibirino (Leza) e Cacilda Bressan, que souberam guardar os segredos da juventude para saboreá-los com o prazer e o gostinho de saudade no convívio

com os familiares.

Lá pelos anos 70, o João Lúcio (filho da Leza) e a Célia Rita (filha da Cacilda) resolveram juntar os trapos, abençoados na Matriz de Monte Sião, dando às nonnas, em comum, netos e bisnetos que as fazem ainda mais felizes.

Nos últimos tempos o destino tem sido mais implacável do que devia e tem levado embora, para outra dimensão, a geração dos anos 30, mas a Leza e a Cacilda continuam firmes como rocha em seus mundos de contemplação, reminiscências e rezas.

Que Deus continue às protegendo e abençoando porque nós, seus filhos, netos e bisnetos, precisamos muito de seus carinhos, de seus olhares confiantes e de suas bênçãos!

Até qualquer hora, pessoal!

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travágin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Fevereiro de 2024

Nº 620

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Março de 2024

- | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dia 01
Antonio Pedro Mussi
Mirian Guireli de Faria
Ademir Pennacchi
Ellen Fernanda M. da Costa
Dia 02
Pedro Artur Ribeiro
Marco A. Zucato
Guireli
Luciano Gomes da Silva
Idione Fonseca
Righete
Mary Eulália C. Barbosa
Wilian Augusto de Paula
Priscila de Castro Guarini
Dia 03
Vicente de Paulo Andreta
Francisco Tadeu da Costa
Bruno Labegalini de Castro
Jéferson Bueno
Augusto César Pereira
Dia 04
Elvira Leandro Pereira
Jeruza Renzo
Wilma Maria Rodrigues
Elaine de Lima
Maria Luiza G. Comune
Dia 05
Mariana S. Andreta
Joseli Vicentina da Silva
Luciana Maria Pereira
Dia 06
Gustavo Valentim Rejani,
José Armelino
Wander Franco Bueno
Dia 8
Alexandre Pedroso
Luiz Aparecido da Silva
Solange Ap. B. Domingues
Dia 9
Luís Felipe de Castro Ribeiro
Dia 10
Giselle P. Guireli
Therezinha Parlato Labegalini,
Bruno Silveira Andreta,
Dia 11
Ana Beatriz Araújo
Henrique B. da Fonseca
Thiago Labegalini
Elaine Cristina C. Freire
Dia 12
Nicholas Gottardello
Fonseca
Eliana Fumuka U. Gatolini
Carlos Eduardo Barbosa
Tiago Lino
Andreza Augusto
Carolina N. Simões
Dia 13
Juliano Armelin
Dia 14
Edson W. Pereira Zaroni
Amaranta Guireli
Ana Paula V. Labegalini,
Dia 15
Camila Franco de Moraes,
Fabrício Guarini
Neuza Godoi Albino
Grecy Daila R. dos Reis, | Dia 16
Hetory Reis Canela
Renato Parreira
Dia 17
Lídia Aparecida Bossi Veloso
Laíse Barbosa de Souza
Elza Bernardi G. Santos
Clarysdele Canela Bueno
Ygor Fávero Nobrega
Dia 18
Sarita Gotardelo de Oliveira
José Carlos Bonassa
Cristiane Labegalini,
Flávia Gottardello Silva
Dia 19
Danieli Comune Faria
Bianca Pennacchi
Josefina Comune Mendonça
Iziz Rayara Queiroz
Dia 20
Cláudia Regina Renção,
Letícia Daldosso Labegalini
José de Paula Domingues,
Cláudio Labegalini
Dia 21
Fátima Cristina Gaspardi
Dr. Alcides Brunialti Jr.
Dia 22
Marília de Souza Santos
Guilherme Laira Grossi
André Costa P. Grossi
Dia 23
José Oscar Takahashi
Lívia Belinato Fonseca
Dia 24
Michele Silva Artuso
Lara Pieroni
Cesarina dos Santos
Eliana Ap. Otaviano
Guilherme Pereira Zucato
Dia 25
Felipe Trindade Diniz
Roselene S. Gottardello
Alcina Maria Otaviano
Dia 26
Sérgio Luiz Bueno
Maria Cristina Gottardello
Ana Paula Gaspardi
José Marcos de Souza
Dia 27
Fernanda Emerick de Souza
Arioaldo Guireli,
Dia 28
Daniela Godoi Zucato
Simone Simões Cardoso
Benedito Pereira Pinto
Dia 29
Marice Leandro Zucato
Carlos Antonio Rezende
Márcio Giglio Zucato
Aparecida Vilela
Dia 30
José Antonio Pereira
Joseli da Costa Pereira
Silvana M. Bernardi,
Dia 31
Heloise Correa Constantino
Pedro César Galbiati
Leila Maciel Pereira. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

A todos, as felicitações da Redação!

MARÇO, O MONTE SIÃO COMPLETA 66 ANOS!

É oportunidade anual de todos os colaboradores do nosso querido e respeitado Jornal se encontrarem para matar as saudades, prostrar, chorar o ausentes e acolher os mais calouros! Um dia de muita alegria! Esperamos ver todos lá!

GENTE NOVA COLABORANDO COM O "MONTE SIÃO"

Bem-vindo prof. Leonardo Labegalini
Iniciamos fevereiro de 2024 registrando a adesão do autor Monte-Sionense Leonardo Labegalini ao "Monte Sião". Engenheiro, atualmente na área de consultoria organizacional, especialmente no ramo malharista, já escreveu dois livros destinados a gestores e operadores da indústria malharista de Monte Sião. Incorporando os personagens, o "Líder Inspirador" e "Téo", saídos das entranhas do Morro Pelado, aos moldes dos contos e crônicas de Pascoal e José Antonio Andreta, o autor divagará sobre sua obra, oferecendo gotas de sabedoria a quem se interessar. Ao utilizar o recurso de falar por intermédio de personagens fictícios, o autor deverá abordar, de modo lúdico e pedagógico, os diversos temas de seu repertório, ao mesmo tempo em que construírá textos rápidos, interessantes e divertidos - o melhor jeito de ensinar e o melhor jeito de aprender!

Leonardo Labegalini é um dos autores citados no relatório da pesquisa de Autores e Escritores Monte-Sionenses. Bem-vindo, Leonardo! Esperamos pela sua presença nas páginas do "Monte Sião"!

CIDADES DO SUL DE MINAS

Aproveitando os dias de carnaval e a presença de amigos, visitamos Bueno Brandão, Inconfidentes, Borda da Mata, Monte Sião, Ouro Fino e Crisólina, onde encontramos a D. ZETE que mantém o ponto de apoio e hospedagem para acolher os peregrinos do Caminho da Fé! Afora as áreas reservadas aos foliões as cidades estavam todas em estado letargia e parece até que as folias de carnaval estavam bem comedidas, por ser uma festa pagã.

VISITA GUIADA AO MUSEU

Nossos convidados manifestaram o interesse de conhecer o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, mantido pela FCPA, e embora não estando em expediente normal, tivemos a honra de ter o Presidente da FCPA José Ayrton Labegalini e a Sra. Silvana Ruiz. Uma obra respeitável pelo acervo, pelo ineditismo da ideia, pela exclusividade das peças e pelo carinho no atendimento. Aproveitem, visitem Monte Sião e levem seus filhos para esta inesquecível aventura.

ELEIÇÕES PARA PREFEITO

Quem se habilita? Está aberta a temporada de pré-candidaturas e o vespeiro está alvoroçado. Quem será o novo prefeito? Uma coisa é certa, a cidade deve se unir em torno de um projeto que priorize o atendimento em todo o município e, ideia quase impossível, depois da eleição a situação e a oposição deverão se unir a fim de que a população não fique à deriva. Quem tem um projeto a toda prova?

REDE SOCIAL - GRUPO WHATSAPP

Houve um reaquecimento de um grupo de whatsapp para discutir turismo em Monte Sião que ficou no ar por uma semana mais ou menos e logo foi destituído. Eu acompanhei as discussões que me fizeram lembrar de um samba antigo "O Samba do Crioulo Doido". Pela amostragem, tem muita água para passar pela ponte (sob e sobre).

OS SEGREDOS DA BOA GESTÃO

Parece que o pessoal precisa melhorar o nível de contratação de seus encarregados e de suas assessorias. Dá o cargo por obrigação política e paga o ônus de maus resultados. Mete os pés pelas mãos e encara a Lei de Responsabilidade Fiscal. Senhores candidatos, pensem bem nos critérios de escolhas de seus staffs a fim de assegurar que as decisões e os projetos se convertam em resultados. Bom pra todo mundo!

Fragmentos - 33

ARIOVALDO GUIRELI

1 Ora, se o vento sopra de uma única direção, a árvore nascerá torta. Não é desta forma? Precisamos compreender que tanto um ser para ser considerado belo há necessidade da diversidade de olhares. Não seria monótono um jardim com uma única cor e espécie de flor? A diversidade mostra a riqueza da criação. A formação humana é diferente em cada segmento. Os ventos, portanto, precisam ser soprados de vários lados.

2 - Em uma concepção ampla, o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais.

3 - Na minha geração nem poderíamos imaginar que um aparelho que cabe na palma das mãos, no bolso da

calça, poderia conectar com o mundo. Ora, supor que as redes digitais arrombariam o monopólio de notícias que ficaram exclusivamente na mão das grandes mídias, também não. E que o futuro que nos aguardava seria amenizado sem medo algum, pois único medo que tínhamos, na época, estava nos livros de Júlio Verne e George Orwell. Neste admirável mundo novo nos faz pensar que a felicidade humana resulta na fama, no poder, no dinheiro e na beleza estética, quesitos suficientes que imprimem a vida para a inteligência artificial que nos insegue no mesmo prato a culpa e a não culpa.

4 - Hoje sabemos que a Terra é um superorganismo vivo, e que o ser humano é apenas um elo da sua cadeia evolutiva.

5 - Naquele estabelecimento da década de 1960 poderia ser bar, boteco, alfaiataria... tudo junto e misturado. Era no largo do jardim da Praça Central, que Diogo Martinho Guireli trabalhava com sua mãe Edwiges.

Ela, prendada, fazia as linguças mais puras e temperada da cidade. Ele, sempre calado, no canto esquerdo do bar entre linhas e agulhas construía novos ternos e calças sociais. Ao entardecer, após limpar a oficina de costuras, mantinha o hábito, que seus vizinhos já acostumavam e esperavam, de solfejar no clarinete ou requintar seus boleros, choros, dobrados... assim, por volta das dezoito horas Nicolau Faraco, Beque, Tana, Assunta, Arlindo Zaroni, Silvio Turco, Totonho Francisco, Segundo Marcelino Gotardelo (o Choque) se deixavam transpor pela música que Martinho Guireli temperava a cada nota e que se esparramavam pelo jardim e acoplavam no céu dessa terra.

6 - Adquiria. Leia. Dicionário de religiosidade popular - de Frei Chico. Editora Nossa Cultura (Curitiba/PR).

7 - Este fragmento foi composto com saudade e em parceria com Antônio Martinho Andreta (Toninho), o eterno menino.

8 - Beijos gerais.

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180